



ESSA BONECA TEM MANUAL: PRÁTICAS DE SI, DISCURSOS E LEGITIMIDADES NA EXPERIÊNCIA DE TRAVESTIS INICIANTES

Marília dos Santos Amaral¹

Resumo: Este trabalho discute as travestilidades a partir do discurso das pessoas que desejam tornar-se travesti conhecidas como novatas, iniciantes, ninfetas e novinhas. Trata-se de uma escrita de inspiração etnográfica em que são tecidas entrevistas, experiências e diálogos com jovens iniciantes travestis durante experimentação de pesquisa pelas ruas, pensões, moradias e ong's da cidade de Florianópolis e em espaços virtuais como *blogs* e o *facebook*. A análise teórica segue as pistas de Michel Foucault e Judith Butler discutindo sob que condições novatas travestis são reconhecidas como sujeitos legítimos do discurso das travestilidades. Nesta direção são questionados os saberes, as práticas e o acesso aos conhecimentos trazendo à cena as regras e os passos que ensinam alguns modos de se experienciar as travestilidades, bem como as possibilidades de resistência a estas normas. Entendidas como jogos de verdade estas regras que envolvem o que é legítimo ou ilegítimo são apresentadas e problematizadas por diferentes discursos. A partir dos efeitos produzidos por estes discursos são delineados os contornos das novas formas de se pensar a experiência das travestilidades entre as jovens que estão começando. Neste sentido, são discutidas neste trabalho não apenas as condições de possibilidades da (re)invenção das novas travestilidades, mas também são sinalizadas a expansão dos espaços de (re)existência e (re)criação de si mesma para aquelas que desejam tornar-se travesti sob novos e também hegemônicos critérios éticos, estéticos e políticos.

Palavras-chave: Sexualidades, travestilidades, jovens travestis, experiências.

*Tudo o que tenho de verdadeiro são meus sentimentos
e os litros de silicone que me pesam toneladas.*

Agrado – Tudo sobre minha mãe

O texto que ora apresento faz parte da mesa “*Sedução, prazeres e tesão em experimentações dissidentes*” coordenada por pesquisadores de diferentes regiões do Brasil que discutem no campo da psicologia temáticas que comungam da intersecção entre corpo, gênero, gerações e sexualidades. Por tratar-se de reflexões que foram

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Membro do núcleo MARGENS – Modos de vida, família e relações de gênero. E-mail: mariliapsico@hotmail.com

tecidas em minha dissertação de mestrado², defendida na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) sobre a experiência de travestis *iniciantes* (AMARAL, 2012), também conhecidas como travestis *novatas*, *ninfetas* e *novinhas*, recuperei inquietações que delinearão meu passeio por entre as travestilidades “ainda” não reconhecidas. Estas, por vezes, sinônimos de travestilidades menos legítimas, e por isso consideradas como “quase” travestis ou *cdzinhas*, *gayzinhos*, *viadinhos*, *bicha-homem*, *pokémon*, *viado de peito* e *transformers* como ouvi de algumas travestis com as quais conversei.

A escrita aqui *montada*, *remonta* algumas reflexões que fiz durante minha experimentação em meses de contato com travestis *iniciantes* e visitas aos espaços virtuais por elas acessados. Interessava-me, sobretudo, as formas de legitimação e jogos de verdade que engendram o que é ser travesti por meio do discurso.

Dentro do contexto em que se lê a definição de travesti de acordo com o que se veste, se maquia e vive, portanto o que estampam no corpo elegi as *iniciantes* para pensar o lugar que ocupam as pessoas que desejam tornar-se travesti. Justifico tal escolha pelo fato de serem aquelas que estão, aos poucos, se tornando sujeitos da produção de alguns discursos como o geracional, o científico, o das travestis consideradas “*mães*”, dos homens que se relacionam com as travestis e dos espaços virtuais.

Ao pensar a maneira como travestis *iniciantes* acessam as estratégias, as *montarias* e os aprendizados, que envolvem o universo das travestilidades, não me direciono a pensar causas e origens, mas seus efeitos. Dirijo-me a problematizar as maneiras pelas quais *novatas* travestis se articulam acerca do que é “ser travesti”. Para tanto, apoio-me no que Michel Foucault (2006b) chama de jogos de verdade. Jogos nas quais não se descobrem coisas verdadeiras, mas sim as regras que fazem daquilo que um sujeito pode dizer confirmar-se como verdadeiro ou falso.

Em outras palavras, desvendar essas regras é constatar sob que condições *novatas* travestis tornam-se sujeitos legítimos da travestilidade. Ao pensar os efeitos dos discursos, percebo que estes confluem para que, muitas vezes, o conceito travesti torne-se algo quase *transessencializado*. Aquilo que apenas se alcança quando se produzem corpos e corporalidades materializados dentro de critérios estéticos pré-estabelecidos, e quando legitimados por jogos discursivos baseados no modelo regulador dos corpos hegemônicos. Mesmo que nem sempre estejam enclausurados no padrão binarista.

² Dissertação de mestrado defendida em 2012 no Programa de Pós-graduação em Psicologia sob a orientação da Profa. Dra. Maria Juracy Filgueiras Toneli.

Neste sentido, uma das perguntas que sempre esteve presente ao pensar a travestilidade a partir do recorte geracional é se haveria na experiência das travestis que estão começando algo realmente diferente daquelas que já experienciam a travestilidade? E se, as histórias contadas pelas *iniciantes* suscitariam pistas interessantes para traçar questionamentos e discussões atuais para os estudos *trans*, e específicos sobre as *novatas*. Em outras palavras, se ao conversar com travestis *iniciantes* iriam emergir dúvidas e interesses que me fariam questionar e perseguir um problema de pesquisa. Mesmo que ingênuas, as reflexões acima foram fundamentais para repensar a pesquisa que fiz em muitos momentos, inclusive quando já estava sendo desenvolvida. Foram, também, questões importantes como exercício do pensamento a tal ponto de torná-las problematização.

Para Foucault (2006a[1984]) problematização significa elaboração, um exercício do pensamento que torna um conjunto de complicações em problemas. Pensamento que não apenas toma o objeto, mas interroga também seu sentido em um movimento de proximidade e distanciamento e, por isso, de liberdade em relação àquilo que se faz.

Para que um comportamento entre no campo do pensamento é preciso que certo número de fatores tenham-no tornado incerto, tenham-no feito perder sua familiaridade. Ou tenham suscitado em torno dele certo tipo de dificuldades. Esses elementos decorrem de processos sociais, econômicos ou políticos (FOUCAULT, 2006a[1984], p. 232).

Nesse sentido, minha problematização passou a circular em torno das experiências das travestis *iniciantes*, mas não somente, pois me inquietava saber a maneira como elas aprendem a tornar-se travesti e, principalmente, como as *novatas* se articulam entre os discursos de verdade que definem o que é ser travesti. Neste exercício de elaboração fui ao encontro das *novatas* e uma das primeiras coisas que aprendi foi que perseguir o sonho de ser travesti passa por rituais, processos e critérios, muitas vezes, hierárquicos, com códigos e regras que apenas após serem incorporados podem conferir a elas a legitimidade travesti. É a constituição de um campo de experiência tal como Foucault (2006b[1984]) entende, constituído por jogos de verdade e relações de poder, na relação consigo mesmo e com os outros.

Em longos diálogos, compreendi que nem todas as pessoas com as quais conversei querem ser travesti da mesma maneira, pelas mesmas regras, seguindo os

mesmos passos. Cada uma das travestis que conheci produz sua própria história de maneira muito diferente. Mobilidade, fronteiras e trânsitos são termos pertinentes quando o assunto são as travestilidades, e, da mesma forma, também os são com as *iniciantes*. A elas acrescentaria ainda a relevância das estratégias e da legitimação no percurso de suas experiências, em outras palavras, as relações políticas que engendram o seu reconhecimento dentro e fora do universo *trans*.

Percebi, também, que mais do que conhecer os aprendizados que levam a ser travesti e os discursos sobre as travestilidades, era necessário interrogar-me sobre as relações existentes e os modos pelas quais as travestis *iniciantes* buscam acessar a legitimidade. Interrogar-me sobre quais passos é preciso perseguir até que haja para este sujeito reconhecimento. Que trabalhos sobre si são necessários para que alcancem os critérios estéticos produzidos. E enfim, como remeter a um conjunto de práticas a verdade sobre sua existência.

De acordo com Foucault (2006b[1984]) saber de si é ocupar-se consigo mesmo a partir das relações de poder e saber que dão nome e forma à experiência do sujeito, produzindo discursos que conferem algo próximo à natureza e à essência. Assim, pensar o que na introdução chamei de *transessência* implica questionar as práticas de acesso ao saber que a produz e, no caso das travestis, aos manuais, às regras e aos passos, que ensinam os modos de ser e as práticas que produzem o sujeito da travestilidade. Pois, em minha experimentação pelo universo das *iniciantes*, tive acesso ao aprendizado repassado pelas travestis mais velhas, às práticas apreendidas na convivência com as *manas*, e a experiência com os clientes, além dos ensinamentos postados em *blogs* e *sites* na internet. A partir desta relação com os outros – com outras travestis e com as ferramentas virtuais – é que circulam as informações sobre as técnicas corporais, as facilidades, dificuldades e os rituais de se tornar travesti. Já as relações consigo, estas são estabelecidas pelas *novatas* com o próprio corpo e na relação com o desejo, pois seu corpo se torna sua própria experiência generificada e corporificada, e seu principal meio de tornar-se travesti.

Às técnicas corporais das travestis *iniciantes* aproximo os escritos contidos nos manuais de instrução que acompanham não apenas os produtos de consumo e as maneiras de como operá-los, mas também o resumo de alguma ciência ou arte, muitas vezes como um livro de ritos. Geralmente, os manuais também trazem imagens para auxiliar na compreensão, são organizados em passos e, principalmente, explicam “aquilo que pode e não pode ser feito”. Permito-me pensá-los como o disciplinamento

que rege as “modernas bioasceses”, expressão utilizada por Francisco Ortega (2008) para discutir, de forma crítica, a respeito das práticas ascéticas na atualidade.

No intuito de situar as bioasceses, neste contexto, parto primeiramente do que Foucault (2010[1981-1982]) definiu como ascéticos, ou seja, como um conjunto ordenado de exercícios disponíveis, recomendados e até obrigatórios utilizáveis pelo homem para refletir sobre si mesmo e se reconhecer como homem de desejo (FOUCAULT, 2007a[1984]). Assim, ascese trata-se das formas pelas quais os gregos praticavam um exercício de si no pensamento, entendida por Ortega (2008) como um conjunto de comportamentos restritivos nos quais o período histórico e as áreas geográficas são importantes elementos.

Para Foucault (2010[1981-1982]) ascese implica em um processo de subjetivação e, desta forma, no que ele vai chamar de “práticas de si”, práticas estas que são um cuidado de si pautado em esquemas que o indivíduo encontra na sua cultura. Deste modo, são experiências e técnicas que ajudam a operar sobre si mesmo.

Nesta direção, a visão foucaultiana de Ortega (2008) sobre a ascese é de que ela, além de implicar em um processo de subjetivação, é um fenômeno social e político, é uma prática social. E assim também é um exercício de vontade. Conforme, o autor as formas da ascese se constituem em oposição às modernas bioasceses, ou formas de ascese contemporâneas, que se organizam como práticas universais, conformistas e totalizadoras.

Enquanto nas asceses da Antiguidade o self almejado pelas práticas de si representava frequentemente um desafio aos modos de existência prescritos, uma forma de resistência cultural, uma vontade de demarcação, de singularização, de alteridade, encontramos na maioria das práticas a bioascese uma vontade de uniformidade, de adaptação à norma e de constituição de modos de existência conformistas e egoístas, visando a procura da saúde e do corpo perfeito (ORTEGA, 2008, p. 20).

Neste enredo, para Ortega (2008) o corpo torna-se privilegiado, o lugar predileto de discurso, no qual a ascese se torna disciplina e se despolitiza. Pois, para o autor a bioascese está a serviço das bioidentidades e da lógica da fabricação, por isso a necessidade de contínuo disciplinamento para mantê-la. Conforme Richard Miskolci (2006) tal processo também tem consequências subjetivas, já que a subjetividade está diretamente associada à materialidade do corpo. “E, a história da criação de corpos é,

também, uma história dos modos de produção da subjetividade” (MISKOLCI, 2006, p.682).

Neste sentido, percebo que as regras que regem o processo de se tornar travesti vão muito além das técnicas corporais propriamente ditas e alcançam as formas como as travestis são compreendidas, como elas passam a fazer parte de um processo de legitimação e a maneira como entendem o mundo ao seu redor a partir da experiência do corpo. De sorte que

O corpo é visto cada vez mais como um instrumento para atingir modelos identitários que nada diferem de imposições sociais difundidas pelos mais diversos meios de convencimento: da educação à mídia. Os modelos de identidade são cada vez mais difíceis de atingir e exigem também altas quantias, além de incomensurável esforço físico-corporal e tempo. Disciplina é um dos valores mais cultuados e expõe o *ethos* ascético do culto contemporâneo ao corpo, um modo de vida impulsionado pelo desejo de integração aos valores constitutivos da cultura dominante (MISKOLCI, 2006, p. 682).

O culto à disciplina é a valorização de uma modalidade de aplicação do poder, pois, segundo Foucault (2005), um regime disciplinar caracteriza-se por certo número de técnicas de coerção que exerce um esquadramento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos. É uma forma de vigiar que atinge, particularmente, os gestos, as atitudes, os corpos. São estas técnicas de individualização do poder que se produzem sobre o discurso das regras naturais, portanto, das normas. Se antes a disciplinarização era pensada por Foucault (2005[1975]) sob os regimes fechados das instituições, hospitais, prisões e escolas, cada vez é maior a emergência de se discutir também a interiorização das normas, como técnicas internas de assujeitamento e como técnicas de si.

A partir desta discussão, seria a experiência das travestilidades, formas de bioasceses que subvertem o imperativo do binômio masculino-feminino, a partir da produção de seus corpos? Com as *novatas* travestis sou seduzida a refletir acerca da subversão por diferentes ângulos, que não tomem como partida uma automática compreensão de algumas de suas experiências, como mera repetição/subversão da dominação machista e sexista das relações de gênero homem-mulher. Primeiramente, esclareço que comungo da mesma ideia de Bento (2006) quando diz que a própria experiência *trans* é em si mesma subversiva. E, também com a proposta de Butler (2010[1993]) de que as travestis, por meio da reiteração, ou seja, da estrutura imitativa

pela qual se produz o gênero hegemônico, são subversivas ao desafiar a pretensa naturalidade e originalidade da heterossexualidade. Ainda mais se levarmos em conta o alto investimento material e simbólico necessário para se tornar travesti.

Contudo, compartilhamos todos dos mesmos sistemas simbólicos relativos para os gêneros, e, deste modo, torna-se difícil estabelecer pontos exatos de repetição ou subversão às normas dominantes da heteronormatividade. Por isso, relacionar travestis à subversão pode ser uma associação leviana, com a qual mantenho reservas, assim como ao estabelecimento de uma divisão concreta entre o que repete ou subverte nas experiências de gênero e sexualidade. Butler (2010[1993]), ao afirmar que a própria heterossexualidade hegemônica é um esforço constante e repetido de imitar suas próprias idealizações, explica os problemas que há em argumentar que entre as travestis haveria uma assimilação e logo uma subversão, “a veces son ambas cosas al mismo tiempo; a veces se trata de una ambivalencia atrapada en una tensión que no puede resolverse y a veces lo que se da es una apropiación fatalmente no subversiva” (BUTLER, 2010[1993], p.189).

Desta maneira, a ambivalência em minha experimentação pelo universo das travestis *iniciantes* não foi diferente, e por isso pude refletir, ainda que a própria experiência seja subversiva por denunciar a naturalização do sexo e do gênero, a travestilidade, muitas vezes, reafirma o binarismo e o essencialismo (PELÚCIO, 2009). Também confirma os esquemas ativo-passivo, força-fragilidade, altivez-submissão, fazendo emergir possibilidades “tanto al servicio de las desnaturalización como de la reidealización de las normas heterosexuales hiperbólicas de género” (BUTLER, 2010[1993], p.184), como aparecem nos ensinamentos e textos pessoais escritos às novinhas pelas travestis que já estão no processo:

Sou delicada como uma mulher e forte como um homem para enfrentar todos os desafios. Sou a garota sentada na calçada do colégio esperando o namorado, sou a garota que luta para ser aceita. Sou o garoto que brinca com bonecas e também sou a boneca. Tenho a suavidade para ser forte. Tenho a coragem de ser quem eu sou. Tenho a coragem de um rei e o glamour de uma rainha. Tenho a biologia de um macho e a identidade de uma fêmea. Eu sou a rosa, eu sou os espinhos. (Trecho extraído do Blog Casa de Bonecas: um lugar onde as bonecas pensam)

As atribuições ao que “é” do masculino e do feminino tramitam entre os discursos das travestis em relação ao que é natural e da essência de homens e mulheres,

rendendo-as assim à normatização dos corpos e gêneros. Do mesmo modo, as travestis ao descreverem o que é ou não referente às travestis parecem reproduzir políticas de reconhecimento, aceitação e relações de poder que também levam em conta a naturalização dos gêneros como a verdade “natural” sobre o sujeito. Como proposto por Foucault (2005), o poder interiorizado materializa-se no corpo, produzindo sujeitos e capilarizando-se, no caso das travestis, pela norma das *transessências*, modelos legítimos, verdadeiros e disciplinados por padrões de uma estética programada.

Por outro lado, ousou dizer que com as travestis *iniciantes*, aquelas que estão aprendendo formas de produção e de técnicas sobre si mesma, visualizei possibilidades de recusa aos ideais normativos. Traço aqui uma discussão sobre as experiências de aprendizes, talvez um pouco incipiente, mas que tem me convidado a tateá-las como formas de resistência que apontam na direção de uma constituição de estética da existência das *novatas*. Ou seja, se há algo de transgressor, para além da própria experiência das travestilidades, atrevo-me aproximá-las às práticas de uma re-invenção de si mesma e das relações com o outro, impetradas pelas travestis *iniciantes* como forma de resistência ao assujeitamento.

Para desenvolver melhor este pensamento, ainda que embrionário, lanço mão primeiramente ao que Michel Foucault estabelece como resistência a partir dos anos 1970. Neste período, o autor retoma o termo de modo menos próximo ao termo transgressão, anteriormente discutido com um caráter de exterioridade à normatização. Neste retorno, Foucault (1995[1982]) afirma que a resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder.

Ao partir do pressuposto de que as relações de poder são estabelecidas em todo lugar, Foucault (2008[1979]) entende que a resistência é a possibilidade de atuação pelas frestas, nas quais são agenciadas possibilidades de *transformação*. No entanto, “a resistência não é anterior ao poder que ela enfrenta, é coextensiva a ele, absolutamente contemporânea” (FOUCAULT, 2008[1979], p.137). Por não se tratar de uma relação cronológica existente entre poder e resistência, é necessário deslocar-se da ideia de um par resistência/poder, logo liberdade/dominação, para que se reflita mais lucidamente sobre estas relações.

Um dos motivos que me levou a associar algumas práticas das travestis que estão começando às formas de resistência propostas por Michel Foucault, circula em torno da noção de que resistência deve apresentar as mesmas características que o poder “tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele, vem de baixo e se distribui

estrategicamente” (FOUCAULT, 2008[1979], p.136). Pois percebo a criação de pequenos espaços de resistência, quase imperceptíveis, nas maneiras pelas quais as *novatas* tentam subverter a lógica da experiência das mais velhas. Mesmo que estejam se produzindo como sujeitos de um discurso normatizado da travestilidade, é possível olhar com mais atenção às recusas a determinadas técnicas corporais tidas como “fundantes” da experiência travesti desencadeadas entre as *iniciantes*. As relações que as *novinhas* estão estabelecendo no mundo virtual, no qual a internet tem deixado a cafetina com menos poderes sobre o corpo e a vontade delas e a descentralização da prostituição como forma de vida entre as *travinhas* adolescentes, tem sido alguns dos movimentos que referencio às formas de resistência.

Afinal, se resistência e poder coexistem, é necessário que não sejam tomados como positivos e negativos, respectivamente, pois não são contra o poder que nascem as lutas, e, no caso das travestis, algumas recusas, mas contra certos efeitos de poder, contra certos estados de dominação. Para Foucault (2008) se não houvesse resistência, não haveria efeitos de poder, uma vez que aí estaríamos engajados em problemas de obediência.

Outro ponto relevante quando me proponho a retomar, mais uma vez, a questão da experiência das travestilidade como subversiva em si mesma, é que, ao analisar as micro-relações mais específicas que se produzem entre as travestis e àquelas que buscam se legitimar como sujeito desta experiência, as *novatas*, o que percebo é que as resistências podem, por sua vez, fundar novas relações de poder. Tanto quanto, novas relações de poder podem, inversamente, suscitar a invenção de novas formas de resistência (FOUCAULT, 1995[1982]).

Nesta possibilidade simultânea de existência entre poder e resistência, aponto as formas de resistências das travestis *iniciantes* na direção da constituição de algo aos modos do que Foucault (2006c[1984]) chamou de estética da existência. Estilística que não faz emergir a figura do sujeito soberano, fundador e universal, “penso pelo contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através das práticas de liberação” (p.291).

Na visão de Foucault (2006c[1984]), a estética da existência está ligada à moral greco-romana conduzida para a ética, na qual a emergência está em fazer da vida uma obra de arte, diferenciando-se de uma moral cristã, na qual se trata essencialmente de obedecer a um código. A respeito desta atitude de tomar a si mesmo como objeto de elaboração Margareth Rago (2002, p.15) comenta que, “problematizar a relação

estabelecida com o mundo, com o outro e consigo mesmo parece, assim, condição fundamental para que se possam abrir novas saídas, mais positivas e mais saudáveis, para o exercício da liberdade e a invenção da vida”.

Acredito que reinventar a vida é a maneira encontrada por muitas travestis *iniciantes* para *transitar* por entre os duros investimentos para tornar-se travesti. Além das novas formas de existência que algumas buscam, distanciando-se dos modelos hegemônicos da “construção” travesti, também há aquelas que abrem mão da legitimidade, são *aquelas “que colocam um jeans, uma camiseta e um brinco, e pronto, quero assim viver e me chamar travesti!”* como ouvi de uma das jovens travestis que conheci durante a pesquisa. Para Foucault (2006c[1984]), a estética da existência é uma prática ética de produção de subjetividade, que se assujeita e também resiste e, desta forma, se constitui como atitude política.

Sobre esta discussão, Richard Miskolci (2006) pontua duas questões: a primeira é que não há uma relação simples que associe os novos estilos de vida, que emergem com as estéticas de resistências, ao exercício de sexualidades não hegemônicas.

O ponto de onde emerge a estética da existência não é a sexualidade, antes a transgressão que ela pode instaurar diante dos modelos relacionais existentes. A constituição de novas relações para consigo e para com os outros é uma forma de resistência que exige um esforço de desenraizamento, descorporificação, ou seja, de rejeição das oposições aprisionantes entre masculino e feminino, corpo e identidade, assim como a mais conhecida de todas: a oposição entre corpo e alma (MISKOLCI, 2006, p. 691).

Por isso, não me atrevo a afirmar que toda novata é *transgressora* e inventiva na experiência sobre si mesma, pois como mencionei antes não são poucos os exemplos de repetição dos modelos heteronormativos oferecidos nas falas das travestis. Entretanto, me interessa em problematizar, por exemplo, as relações existentes entre as “*manas*”, ou seja, travestis *iniciantes* que compartilham seus saberes em relações de sociabilidades. São experiências que, assim como a recusa a determinados padrões corporais e discursos de verdade acerca da travestilidade, reivindicam novos espaços e novos corpos, mesmo que sem o compromisso com mudanças. Enfim, responsabilidade com uma *transformação* que guie à criação de novos estilos de vida, conforme discutido por Miskolci (2006), mas que chama a atenção por ser um tipo de relação peculiar somente às *novinhas*, que diferentes das travestis mais velhas, não se inibem em

expressar carência e desejo de que alguém mais experiente lhes ensine e proteja. E que, principalmente, esteja engajada, compartilhando as mesmas conquistas e dificuldades em tornar-se travesti.

É aí que entra a segunda questão pontuada por Miskolci (2006), que trata da reinvenção de si mesmo e de uma nova cultura de si que também se produza em novas relações com o outro, em novas sociabilidades. A pesquisa realizada, ao me possibilitar conviver algumas tardes no espaço doméstico de jovens travestis, proporcionou-me conhecer diferentes relações e o modo de estabelecê-las, as quais pude presenciar, entre as “*manas*”. Além dos novos vínculos familiares que ouvi durante as conversas com as *novatas*, especialmente com suas *mães*, novas relações também familiares que me incitaram a refletir acerca das possibilidades de relações baseadas em ética. Relações capazes de criar subjetividades mais libertárias e, a partir delas, novas formas de sociabilidade, portanto, estilísticas da existência.

Referências:

AMARAL, Marília dos Santos. (2012). *Essa Boneca Tem Manual: práticas de si, discursos e legitimidades na experiência de travestis iniciantes*. 165f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

BENTO, Berenice. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.

BUTLER, Judith. (2010[1993]). *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. 2.ed. Buenos Aires, Argentina: Paidós.

FOUCAULT, Michel. (1995[1982]). Sujeito e Poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. (2005[1975]). *Vigiar e Punir*. 30. ed. Petrópolis: Vozes.

FOUCAULT, Michel. (2006a[1984]). Polêmica, Política e Problematizações. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política – 1926-1984*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.225-233.

FOUCAULT, Michel. (2006b[1984]). Foucault. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política – 1926-1984*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.234-239.

FOUCAULT, Michel. (2006c[1984]). O Retorno da Moral. Em: Michel Foucault. *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política 1926-1984*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, p. 252-263.

FOUCAULT, Michel. (2007a[1984]). *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. 12. ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal.

FOUCAULT, Michel. (2008[1979]). *Microfísica do poder*. 25. ed. Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, Michel. (2010[1981-1982]). *A Hermenêutica do Sujeito*. 3. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes.

GISELLE. *Texto pessoal: "Quem sou eu? Travesti com muito orgulho"* In: Blog Casa de Bonecas: Um lugar onde bonecas pensam. Disponível em: <<http://www.casadebonekas.com/?p=1955#more-1955>>. Acesso em 04 de outubro de 2011.

MISKOLCI, Richard. (2006). Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. *Revista Estudos Feministas*, v. 14, n. 3, p. 681-693, setembro-dezembro.

ORTEGA, Francisco. (2008). *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond.

PELÚCIO, Larissa. (2009). *Abjeção e Desejo - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: Annablume; Fapesp.

RAGO, Margareth. *Por uma cultura filógena: pensar femininamente o presente*. Brasília: Labrys/UnB, 2002.